

**VOZES INCONCLUSAS DOS JOVENS : MOSAICOS LINGÜÍSTICOS
PRESENTES NA SALA DE AULA**

SIMÕES, Robson Fonseca – UERJ – fonsim2000@hotmail.com

GT: Educação e Comunicação / n. 16

Agência Financiadora: Sem Financiamento

**VOZES INCONCLUSAS DOS JOVENS : MOSAICOS LINGÜÍSTICOS
PRESENTES NA SALA DE AULA**

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. ”

Mikhail Bakhtin

Juventude : Uma introdução

O que se entende por juventude? Trata-se de um processo social ou de uma faixa etária? Falar da juventude significa produzir o movimento, tomar posse da ação, romper os limites e transformar-se em energia num dado tempo e lugar.

O sentido de força jovem é enfatizado pela autora Kehl (2000, p. 89): “A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir.” É nesse contexto que o jovem se integra ao processo social, incluindo-se como um agente protagonista de seu tempo nos inúmeros acontecimentos, encontros e desencontros.

Juventude : Uma tentativa de definição

Numa análise sociológica, adolescência e juventude aparecem como fases sucessivas do desenvolvimento individual, a adolescência ainda próxima da infância, a juventude mais próxima da maturidade. Para a autora Foracchi (1972, p.30), a crise da adolescência é restrita ao conflito de gerações entre indivíduos e grupos circunscritos de idades diferentes. Esta crise evolui, mais tarde, para uma crise da juventude, quando “ o conflito de gerações desloca-se para o plano da sociedade”.

O autor Groppo (2000, p.7) enfatiza que “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”. Nesta aceção, o conceito de jovem na sociedade não constitui uma classe social, ou grupo homogêneo como muitas análises permitem corroborar. A juventude constrói uma história de contínuo movimento na sociedade, marcando, assim, os grandes acontecimentos e ações desses sujeitos desde os mais antigos tempos, como nos diz o autor Schindler (1996, p. 311) : “A juventude do início da era moderna fora e permanecia um ponto de inquietação.”

A história da juventude nas sociedades garante as mais curiosas aventuras desenvolvidas por estes protagonistas singulares. O autor Ariès (1981, p. 48) ratifica o movimento juvenil na história:

“ A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada [...] A consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914, em que os ex-combatentes, e esse sentimento podia ser encontrado em todos os países beligerantes, até mesmo na América. Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente”.

As faixas etárias reconhecidas pela sociedade moderna sofreram várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos. Assim, as categorias sociais que delas se originaram também tiveram mudanças. Surgiram os termos como infância, adolescência, juventude, adulto, idoso, velho e outros. Será que se pode pensar a vida por etapas? É possível dividir a vida humana em espaços de tempo?

Ao ser compreendida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, nos faz pensar que é uma concepção, representação ou uma criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

Para enfatizar os dois critérios principais na definição de juventude, o autor Groppo (2000, p.9) afirma que há o critério etário – delimita a juventude de acordo com faixas de idade, por exemplo, de 15 a 21 anos, de 10 a 24 anos, de 14 a 19 anos etc – e o critério sócio-cultural – o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional ,regional etc.

Os jovens, a cada dia, se surpreendem e criam novos valores e práticas ampliando os seus limites e fronteiras. A linguagem virtual nas salas de bate-papo é uma das novas manifestações no mundo contemporâneo.

Como compreender e utilizar o discurso desses jovens na prática pedagógica do professor em tempos de mudança, de novas concepções metodológicas e inserção de tecnologias na educação?

As novas tecnologias de informação

As tecnologias de informação e comunicação serão complementos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, dando subsídios para que a educação seja mais efetiva, nesse mundo que se torna cada vez mais digital. Dessa forma, desenvolver a construção da inteligência coletiva, resgatando os diversos tipos de saberes, proporcionará uma nova forma de ensinar, fomentando um aprendizado dinamizador que transforma paradigmas, dando liberdade para descobrir e criar, contribuindo assim, para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, (re)construindo uma nova prática pedagógica na educação e (re)organizando o processo ensino-aprendizagem, a fim de se formar uma sociedade que ponha em prática seus pensamentos, idéias e sonhos.

Observamos opiniões divergentes quando o assunto é a tecnologia. Há os que defendem uma posição a favor do meio (Lèvy, 1993, p.27). Ele acredita numa sociedade centrada na comunicação e numa cultura onde a tecnologia é o elemento estruturante das novas relações sociais, sendo capaz de democratizá-las. Barreto (1997, p.24) diverge da posição sustentada sobretudo por Pierre Lèvy, alertando para as conseqüências de um deslumbramento ingênuo diante das tecnologias, perdendo-se de vista as relações de poder constituídas pela sociedade capitalista e sua excludência de raiz, numa estrutura “democrática” em que a condição de igualdade entre os cidadãos é impossível. Alerta, também, para o risco de cairmos em um “neotecnicismo” e, assim, privilegiarmos a tecnologia, em detrimento dos outros aspectos do processo de ensino-aprendizagem. Às vezes, em condições específicas, as tecnologias podem instaurar diferenças qualitativas nas práticas pedagógicas. É preciso que o espaço escolar trabalhe com as novas tecnologias com vistas a desenvolver a competência crítica dos cidadãos.

A Internet

A internet é uma rede capaz de interligar todos os computadores do mundo. Ela é parecida com o sistema telefônico internacional, ninguém é proprietário ou controlador de todo o sistema, mas ele está conectado de tal maneira, que o faz funcionar como uma grande rede. O que faz a Internet tão poderosa assim é a linguagem que atende pelas siglas TCP/ IP (Protocolo de Controle de Transferência). Todos os computadores que entendem essa língua são capazes de trocar informações entre si. Assim, pode-se conectar máquinas de diferentes tipos, como Pcs, Macs e Unix.

A internet é organizada na forma de uma malha. Se você pretende acessar um computador no Japão, por exemplo, basta conectar-se a um computador ligado à internet na sua cidade. Os provedores internet podem oferecer vários serviços. Os usuários copiam arquivos, enviam mensagens para outros usuários, participam de grupos de discussão etc.

Lévy (1999, p.145) enfatiza que os mundos virtuais podem eventualmente ser enriquecidos e percorridos coletivamente. Tornam-se, nesse caso, um lugar de encontro e um meio de comunicação entre seus participantes. Ele afirma que podemos distinguir dois grandes tipos de mundos virtuais: aqueles que são limitados e editados, como os cd-roms ou as instalações *fechadas* (off-line) e aqueles que são acessíveis por meio de uma rede e infinitamente abertos à interação, à transformação e à conexão com outros mundos virtuais (on-line). Logo, o mundo virtual funciona como meio de troca de mensagens com os usuários, contexto dinâmico acessível, em princípio, a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real.

As Comunidades Virtuais : Salas de Bate-papo

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Lévy (1999, p. 128) enfatiza que “enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na

maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional. Será que essas comunicações nesses espaços virtuais devem ser entendidas apenas como uma interlocução complementar ou adicional ?

Nesse espaço, os jovens usuários se comunicam e trocam os diversos códigos num discurso arbitrário, contudo há uma interlocução cujos significados garantem uma comunicação entre o emissor e o receptor, protagonistas de uma cultura jovem. A autora Freitas (2005, p.29) afirma que a mediação é um processo dinâmico no qual as ferramentas ou artefatos culturais modelam as ações das pessoas. Entretanto, essa modelagem só acontece na medida do uso que dela fazem os indivíduos. Uma nova ferramenta cultural altera todo o fluxo e a estrutura das funções mentais. E nesta acepção percebemos que no processo da construção de sentido, a análise semiótica e o conjunto dos signos contribuem à tentativa de um diálogo entre os jovens usuários, despertando, assim, uma cultura lingüística no mundo virtual.

Ora, estes sujeitos se utilizam da linguagem para se manifestarem. É neste contexto que o lingüista Fiorin (2003, p.65) explica a linguagem: “A linguagem autoriza toda sorte de alterações de significado, de violações semânticas, quando se ultrapassam as fronteiras estabelecidas entre o animado e o inanimado, o humano e o não humano, o concreto e o abstrato etc.” Afinal, o que é a linguagem? Buscamos em Fiorin e Bakhtin algumas considerações acerca da linguagem para nos ajudar a compreender esta ferramenta tão imprescindível nas nossas vidas.

A atividade lingüística para Fiorin

Para o autor brasileiro, a atividade lingüística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. O pôr-do-sol é um exemplo disso. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe pôr-do-sol, uma vez que a Terra que gira em torno do sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta a todos nós: “Eu quero ver o pôr-do-sol, lindo como ele só, e gente pra ver e viajar, no seu mar de raios” (Lilás, Djavan). Uma nova realidade, uma nova invenção, uma nova idéia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência. Outro exemplo: Apagar algo no computador é uma atividade diferente de apagar o que foi

escrito a lápis, à máquina ou à caneta. Por isso, surge uma nova palavra para designar essa nova realidade, deletar: “Ela apareceu na minha tela e sem me pedir licença invadiu a minha home-page, ela deletou minha memória e computou um milhão de dados bem na minha home-page”. (Cyber love, Vinny) No entanto, se essa palavra não existisse, não se perceberia a atividade de apagar no computador como algo diferente. Nesta acepção, Fiorin (2003, p.56) afirma que “as palavras formam um sistema autônomo que independe do que elas nomeiam, o que significa que cada língua pode categorizar o mundo de forma diversa”. É neste sentido que entendemos a utilização das novas formas lingüísticas na internet para que elas componham um conjunto de palavras que juntas possam revelar as novas formas de expressão do mundo virtual, com signos arbitrários e inovadores intensificando um ritmo próprio para aquele universo virtual.

A importância da linguagem com Bakhtin

O que é a linguagem para Bakhtin? Para ele, a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. E o que é a língua? Ela é entendida não como um sistema abstrato de formas lingüísticas à parte da atividade do falante, mas como um “processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação”, que é a sua verdadeira substância. (Pires, 2003, p.47). O autor russo valoriza a fala, que não é individual, senão social e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, instaura também a interação.

Com a chegada de um espaço cibernético virtual onde os jovens usuários estabelecem suas interações, criando novos traços de comunicação, defendemos uma natureza social e não individual da linguagem. Bakhtin situa a realidade material, ou seja, a língua, bem como aos indivíduos que a usam, em um contexto sócio-histórico. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam” (Bakhtin, 1997, p.282), da mesma forma que, através deles, a vida penetra nela. E nesse intercâmbio de vozes, a palavra (o signo lingüístico) se estabelece sobretudo como um fenômeno ideológico, pois é impregnada de valores culturais e sociais, contribuindo à formação de um palco de elocução. Contudo, esse organismo vivo não pertence a ninguém, estando a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor: “Eu

sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo me quer bem” (Já sei namorar, Tribalistas).

O autor russo entende que o signo lingüístico tem, pois, uma pluralência social que se refere ao seu valor contextual. O fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema lingüístico proporciona um manifesto das palavras com valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto em que ocorrem. O sentido se evoca a partir da situação social: “A vida da palavra, sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social, de uma geração a outra”. (Bakhtin, 1975, p. 263).

O que é ligada à pluralência nos estudos do signo bakhtiniano é a mutabilidade. E o que vem a ser esta característica lingüística? Uma vez que como reflexo das condições do meio social, a palavra é sensível às transformações na estrutura social, registrando todas as mudanças. As palavras permanecem ligadas às relações sociais e são tecidas a partir de uma infinidade de fios ideológicos, portanto, serão “sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”. (Bakhtin, 1979, p.41).

Entendemos que o autor russo define a enunciação, não apenas como realidade da linguagem, mas também como uma estrutura sócio-ideológica. Assim, a enunciação não parte de um sujeito individual, considerado isoladamente, ela é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece.

Considerando a enunciação como a marca de um processo de interação entre sujeitos, uma vez que a palavra é uma via de mão dupla, isto é, parte de alguém com destino a outro alguém, Bakhtin instituiu o princípio dialógico para o estudo do seu objeto.

O Princípio dialógico na enunciação

O foco do princípio dialógico está na filosofia do diálogo ou da relação que se efetiva com os seres humanos. Assim, o homem não é apenas um ser individual, mas uma relação dialógica entre “eu-tu”. O “tu” é uma condição de existência do “eu”, uma vez que a realidade do homem é a realidade da diferença entre um “eu” e um “tu”.

(Pires, 2003, p.49). Logo, o “eu” não existe individualmente, senão como abertura para o outro.

Bakhtin ratifica que o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. E de que diálogo estamos falando? Do diálogo com a vida social e cultural do homem. É possível pensar que tudo o que nos cerca nos é compreendido por meio da voz ou da palavra de um outro. Logo, o enunciado daquele outro é um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um mosaico de opiniões e visões de mundo. Nessa relação dialógica que é o discurso, são instituídos sentidos que não são os precursores do momento da enunciação, mas que fazem parte de um processo contínuo de movimento. Repensando, entendemos que o indivíduo não é a origem do seu dizer.

Nesta acepção, é importante pensar o homem em relação aos outros homens e considerar que o indivíduo se faz social na relação horizontal com a vida, ou seja, ele se constitui verdadeiramente humano numa relação viva, isto é, num elo de afinidades com outros seres humanos, visto que “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”. (Bakhtin, 1979, 313).

Percebemos que o fenômeno social da interação é a realidade fundamental da linguagem, realizando-se como uma troca de enunciados, na dimensão de um diálogo e através da enunciação.

Neste sentido, a enunciação é determinada pela situação social imediata e pelo meio social, sendo organizada, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. Ela é, portanto, um produto da interação social (Bakhtin, 1979, p.121).

O autor russo destaca que a intenção social sempre se dá entre três participantes: o falante, o ouvinte e o tema do discurso(o herói), fatores que constituem esse discurso.

O discurso é como o “cenário” de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve “encená-la”, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel do ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (Bakhtin, 1979, p.199)

O autor entende que nesse movimento em direção ao outro a alteridade se instaura, tendo como elo de ligação a linguagem. “Através da palavra, defino-me em

relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade[...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. (Bakhtin, *ibid*)

E de que forma a alteridade se estabelece?

Do dialogismo à alteridade

O princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Reconhecer a dialogia é encontrar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados[...] estão repletos de palavras dos outros. Elas introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.[...] Em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade. (Bakhtin, 1979, p.314)

Entendemos que ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, porém intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Logo, a relação dialógica é polêmica, uma vez que não há passividade. Nela, o discurso é uma espécie de jogo, um movimento, tentativa de transformação e até mesmo subversão dos sentidos lingüísticos. Assim, o sentido de um discurso não pode ser o último: a interpretação é infinita. Percebemos a evolução dos enunciados, essa possibilidade sem fim de sentidos já esquecidos voltarem à memória, provocando renovações dentro de outros contextos.

Mesmo o enunciado, essa unidade concreta produzida pelo ato enunciativo, é definido por Bakhtin como uma expressão lingüística orientada para o outro. Assim, a construção de um discurso levará em consideração a representação que um sujeito tem de seu destinatário, bem como a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já proferidos e todos os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, retidos na memória. “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado”. (Bakhtin, 1979, p. 325).

Nesta acepção, entendemos que é no enunciado que se dá o contato entre a língua e a realidade. A escolha das palavras para a construção de um enunciado leva em conta outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor se

posiciona. Assim, quando reproduzimos o discurso do outro, nele podemos captar uma dupla expressão: a original, do outro, e a expressão utilizada, que é por nós introduzida no enunciado do qual vai fazer parte. (Bakhtin, 1979, p.201)

Para o autor russo, de fato, a produção do discurso envolve um trio, composto pelo autor, pelo destinatário e por todas as vozes-outras que sempre nele habitavam, pois o diálogo é o acontecimento do encontro e interação com a palavra do(s) outro(s). A alteridade é, para o autor, um processo dialógico em que o elemento comum é o discurso.

Falando em discurso, de que formas eles se apresentam nas nossas vidas?

Os Gêneros discursivos e os textos

Em pleno século XXI, após várias descobertas científicas e com o advento de novas tecnologias, o professor se vê diante da seguinte questão: “O que é texto, afinal?”.

Podemos afirmar que texto não é apenas uma unidade dotada de aspectos discursivos, semânticos e formais, e sim um processo de interação entre autor e leitor. Dellìsola (2001, p.24) afirma que o texto não possui um “sentido único” e, tal como a leitura, é uma produção e não um produto, além disso, o texto possui propriedades fundamentais como coerência, coesão, informatividade, intertextualidade, aceitabilidade e intencionalidade, para que possa exercer sua principal função: a comunicação.

A partir desse conceito, podemos incluir toda manifestação de comunicação verbal ou não-verbal, oral ou escrita, fazendo parte desse amplo conceito de texto o chat, o e-mail, o hipertexto, os classificados, o resumo de novela, a lista telefônica, o quadrinho, o telejornal etc, e o leitor, peça importante no processo, fará escolhas de textos de acordo com o objetivo pretendido.

O texto escrito tem como característica essencial o caráter sociocomunicativo e, tal como o oral, também é composto para cumprir um determinado papel: o de se adaptar a uma situação e a uma intenção pré-estabelecidas e de chegar a um determinado leitor ou grupo de leitores.

Esse caráter sociocomunicativo dos gêneros é o que proporciona a grande proliferação de suportes para o texto verbal escrito como também a constante diversificação desses gêneros como: bilhete, carta pessoal, telefonema, carta comercial, matéria de jornal, romance, sermão, aula expositiva (em sala de aula, em canal de tv, em

vídeo), reunião, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, ata de reunião e gêneros que foram surgindo com o advento da informática: a carta eletrônica/e-mails, bate-papo por computador/chat etc.

A partir do computador e da internet, o mundo tornou-se uma janela (windows) ou pode ser visto de uma janela, dependendo do ponto de vista de quem o olha. Abre-se uma janela e encontra-se outra. O mundo é a janela que se abre e através desta podemos ver um mundo de cores, de imagens, de sons e de textos, visitar museus, ler jornais, revistas e trocar idéias e bater papo, escrevendo do jeito que falamos, como se estivéssemos num lugar qualquer com os amigos.

Nos diálogos on-line, os chats, o texto digitado pelos participantes, com toda uma gama de símbolos, abreviações, e até a Netiqueta citada em Coscarelli, 1999, p.36 como "regras de etiqueta, especiais para cobrir situações que surgem quando as pessoas se comunicam por meio de uma rede", há uma certa informalidade e um quase que total rompimento da escrita padrão que os torna muito próximos do texto oral. Parece-nos que as abreviações e sinais são feitos para, de alguma forma, assinalar a prosódia. Acreditamos que essas novas tecnologias que surgiram, de certo modo, vem nos atentando sobre a necessidade de se repensar a língua falada. Uma discussão sobre qual seria a importância da língua falada para a aquisição da língua escrita poderia ser um bom exercício de reflexão lingüística para o professor nos diversos segmentos escolares.

Somente quando o professor for capaz de se ver como personagem desse novo mundo é que ele terá mais familiaridade com os novos gêneros de textos que estão surgindo e a partir deles poderá levar o aluno a estabelecer novas relações com leitura e escrita. A união de novas tecnologias e da escola só será possível a partir do conhecimento que o professor tiver delas.

Da internet para a sala de aula

As possibilidades de uso da internet como ferramenta educacional estão crescendo e os limites dessa expansão são desconhecidos. Cada dia surgem novas maneiras de usar a internet como recurso para enriquecer e favorecer o processo de aprendizagem.

As novas tendências de uso do computador na educação mostram que ele pode ser um importante aliado neste tempo das tecnologias que nos remete ao futuro. Neste novo relacionamento, observam-se novos diálogos e, portanto, novas linguagens.

Quando surgiu, a linguagem típica dos jovens na internet - onde *aqui* vira *aki*, *não é naum*, *beleza é blz* - parecia estar restrita aos chats, blogs e msns. O uso do “internetês”, no entanto, já começa a influenciar a escrita nas salas de aula.

Após observarmos essa conduta com os alunos matriculados no primeiro período do ensino técnico concomitante com o ensino médio, optamos em examinar atentamente se esta prática lingüística também se efetivava juntos aos futuros alunos desta instituição, na correção das redações do último concurso público realizado no mês de novembro de 2005, para o CEFET-QUÍMICA-RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica de Química do Rio de Janeiro, portanto alunos provenientes do ensino fundamental tanto da rede pública quanto da rede particular.

Percebemos nestas composições a prática de uma escrita codificada aliada a uma escrita normativa que juntas rompem com os padrões normativos constituindo-se num mosaico lingüístico, ou seja, num palco de elementos inconclusos.

Estruturamos um corpus com dez trechos das redações dos alunos para analisarmos essa questão que vem aparecendo nos mais diversos segmentos de ensino – fundamental, médio e técnico sobretudo com jovens e adolescentes.

Desvelando o mosaico lingüístico

Na busca de narrativas que aos olhos da norma culta revelam um verdadeiro “frisson” em romper com padrões lingüísticos e talvez chocar o professor interlocutor, os autores desse palco de transgressões escritas se articulam com desembaraço movidos por uma criatividade e desejo de comunicação imbuídos com o espírito narrativo da internet.

Assim, mais uma vez nos aproximamos de Bakhtin (1997, p. 311) quando nos referimos à habilidade individual da enunciação do pensamento, manifestando uma tendência que se desvincula dos padrões normativos lingüísticos imprimindo significados com recursos que revelam ou denotam a intensidade de um sentimento ou de um estado de espírito: “ apenas o contato entre significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade - que se dá no enunciado - provoca lampejo da expressividade”.

A última questão desse processo seletivo requeria que o aluno escrevesse num parágrafo completo (introdução, desenvolvimento e conclusão), de oito a doze linhas, a sua reflexão acerca da tecnologia da informação tão presente no mundo contemporâneo. Nas outras questões da prova de língua portuguesa havia quatro textos que imprimiam um olhar adverso no que diz respeito ao manuseio da internet nos dias atuais. O enunciado da questão da redação afirmava que não era preciso seguir, necessariamente, o mesmo ponto de vista dos autores da prova.

Vejamos alguns trechos que aparecem nas composições dos alunos para refletirmos sobre a utilização desses termos codificados do espaço virtual na escrita do aluno em sala de aula:

- 1- “...A internet ajuda mas se **vc** não entender, ela prejudica”.
- 2- “ ...elas **naum** param pra entender **vc**”.
- 3- “ ...ele faz **atraveis** das teclas do computador e **vc neim** percebe”.
- 4- “ ...as máquinas **teem** grandes utilidades pra **nois**”.
- 5- “... mas é **tb** importante para **nois** a informação”.
- 6- “... não imaginei a **blz** desse aparelho pra agilizar os cálculos”.
- 7- “... você **tá** falando e **neim** sabe”.
- 8- “... **cês** merecem, o computador **naum**”.
- 9- “... o computador **eh** útil pra população **tc** e conversar”.
- 10- “...as pessoas **naum** criam mais, pra que ter esse esforço ?”

O mosaico lingüístico está instituído. Esse discurso escrito composto de uma série de elementos ora do mundo virtual ora da gramática normativa nos remete a Fiorin (2003, p.43) quando ratifica que os participantes de uma comunicação vão-se modificando, vão-se transformando, vão-se construindo na comunicação. Há, portanto, uma inversão de perspectiva: os sujeitos da comunicação não são dados previamente, mas constroem-se ao comunicar-se. E neste palco de vozes inconclusas percebemos que os autores conseguem articular os domínios das linguagens imbuídos de subjetividade.

Traços de oralidade, processos discursivos criativos, palavras e sentenças inconclusas contudo férteis de significados para o autor que o compreende no todo de uma cadeia, enfim, retomando a questão de que o professor se torna o outro do aluno para a sua produção escrita, isso nos leva a admitir, assim como o autor, que no processo de construção/produção do texto, seja de que natureza for, o sujeito se apodera desses elementos que se reproduzem, dos “já-ditos”, e com base neles constrói seu próprio discurso, um novo sentido carregado do lugar social em que se situa.

Assim, nós educadores paramos e nos questionamos: Como lidar com isso? De que maneira cercear a escrita dos jovens e adolescentes na sala de aula do domínio dos signos lingüísticos do espaço virtual? Eis algumas questões para o professor do tempo das tecnologias repensar e considerar.

Considerações Finais

A preocupação em falar e escrever bem está diretamente ligada à gramática normativa que tão somente reconhece o uso e a autoridade dos escritores corretos, dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos. O autor Bechara (2001, p. 52) nos auxilia para explicar essa gramática: “Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social. Nesta acepção, entendemos estar presente no ambiente escolar a predominância da escrita normativa embora o educador trabalhe com os mais variados gêneros discursivos na sala de aula para que os alunos dominem os diversos tipos de textos. Cabe à escola, portanto, propiciar aos alunos o domínio dos gêneros para que eles possam usá-los com desembaraço em todos os momentos de suas vidas.

Salientamos também que nas origens dos estudos lingüísticos, os modelos da teoria da informação apresentados são essencialmente lineares, ou seja, tratam da transmissão da mensagem de um emissor a um receptor, sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana, ou seja, da possibilidade que tem o receptor de tornar-se emissor e de “realimentar” a comunicação, ou do alargamento e complexidade da comunicação que pode, por exemplo, dirigir-se a um destinatário, mas visando ao outro. Assim, Fiorin (2003, p.42) afirma: “A comunicação deve ser, portanto, repensada, nesse quadro, não mais como um fenômeno de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Neste sistema interacional importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor”.

Neste sentido, entendemos que com o advento da tecnologia, sobretudo com a internet faz necessária uma reflexão sobre a produção das narrativas na sala de aula. Não estamos criticando aqui o trabalho que a escola desenvolve para trabalhar os gêneros discursivos contudo ajudar a repensar de que maneira podemos entender e trabalhar a linguagem no mundo contemporâneo.

A informática, em especial, como outros avanços tecnológicos, está nos obrigando a uma nova alfabetização. Esse assunto é da educação e, portanto, precisamos dele para ler os dados específicos, mas principalmente para termos uma nova leitura do mundo. Mesmo com a existência de mecanismos outros de divulgação (Lopes, 1999, p.92), como as redes de computadores, tipo internet, a possibilidade de socialização do conhecimento ainda enfrenta enormes obstáculos: “Não basta a existência de acesso às informações, mas a socialização de todos esses meios, o que exige condições de trabalho e de estudo adequadas e possibilidade de processamento dessas informações”. Assim, entendemos que a formação dos professores é de suma importância para se manter um educador comprometido e atualizado.

Retomamos Paulo Freire para não nos esquecermos de que há uma realidade de exclusão digital no Brasil, portanto não devemos ignorar essa realidade brasileira que ainda se faz presente nesse tempo contemporâneo. Num tempo de novas linguagens, entendemos que é mister aproximar tanto o educador quanto o educando dessas novas ferramentas tecnológicas.

Assim, três valores voltados para uma educação tecnológica precisam ser desenvolvidos e cultivados: a responsabilidade, a liberdade e a autonomia. A incorporação destes valores, por certo, é tarefa de todos na formação de cidadãos responsáveis, libertos, autônomos e críticos capazes de fazer a sua história e a de seu país.

Entendemos que a linguagem é utilizada da mesma forma que os trajes sociais requerem as respectivas indumentárias. Por exemplo: um traje a rigor utilizado nas grandes reuniões, nos bailes e cerimônias exige um smoking masculino e um vestido longo feminino. O traje de passeio, o que se caracteriza pelo aspecto convencional, pede o terno masculino e um tecido requintado feminino. O de banho de mar implora o biquíni feminino e a sunga de praia masculina.

Desse modo, estimular os jovens alunos a ter consciência na utilização da linguagem apropriada para os mais diversos espaços, parece-nos um caminho que viabiliza a compreensão da importância da linguagem oral e escrita para as nossas vidas.

Entendemos que é importante repensar que a leitura e a escrita assumem hoje um novo conceito que consiste na apropriação do real, interpretando-o e produzindo-o o que nos leva a afirmar que não basta saber escrever e ler somente.

Poderíamos ousar e perceber que ensinar a ler e escrever jamais pode ter reprodução e forma homogêneas. Leitura e escrita precisam ser consideradas como processos de abstração a partir de situações reais que impõem reflexão e articulação em um tempo de multilingüismo e variados signos submetidos aos caleidoscópios lingüísticos.

Trabalhar com leitura e escrita é sobretudo saber ensinar a pensar e criar, a conceituar e compreender, permitindo que o educando se aproprie da realidade interpretando-a, produzindo-a e transformando-a.

Assim, trabalhar a linguagem nos diversos espaços, tempos e lugares estimula no alunado a consciência de uma articulação da língua mais apropriada em cada momento de sua vida, em cada viagem que desejar fazer, seja virtual ou real.

Entendemos ser evidente que não se pode garantir uma resposta que vislumbre a extinção do problema existente, contudo a formação de uma consciência lingüística crítica e observadora é necessária para o educador do mundo contemporâneo.

Assim, continuemos, educadores e pesquisadores atentos às vozes na sala de aula ou fora dela para ajudar a desvendar ou, ao menos, a instigar o outro a se aventurar por esses caminhos.

Bibliografia:

ARIÉS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikhail.(VOLOCHÏNOV) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de Professores, tecnologias e linguagens*. São Paulo: Edições Loyola, 2002a.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.

COSCARELLI, C.V. *O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem*. Belo Horizonte: P. pedagógica, 1999.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Lingüística. I - Objetos Teóricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Edusp, 1972.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. *Televisão, internet e educação: estratégias metodológicas com crianças e adolescentes*. Campinas : CEDES,2005.(Cadernos Cedes 65)
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma de cultura*. In: *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento Escolar: Ciência e Cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1999.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NOVAES, Regina (org.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- PARENTE, André (org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz. Rio de Janeiro: Ed. 334, 1993.
- PIRES, Vera Lúcia (org.). *Bakhtin diálogos inconclusos*. Santa Maria : Pallotti, 2003.
- SCHINDLER, Norbert. *História dos jovens*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SOUZA, Solange Jobim(org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- VALENTE, José Armando. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas: UNICAMP/NIED, 1998.